

# Relevância e inferência na nova novela brasileira <sup>1</sup>

JANE RITA CAETANO DA SILVEIRA

PUCRS (Brasil)

## 0. INTRODUÇÃO

Este texto trata essencialmente da aplicação da Teoria da Relevância (TR) de Sperber & Wilson (S-W, 1986,1995), concebida como um modelo de comunicação e cognição humanas, a uma novela brasileira. A escolha deste objeto de análise justifica-se por simular situações comunicativas intencionais da vida real e por permitir ampliar a capacidade ilustrativa da TR, demonstrando a adequação descritivo-explanatória desse modelo no tratamento dos processos inferenciais espontâneos. Na estratégia analítico-investigativa de selecionar aspectos teóricos e de ilustrá-los particularmente através de diálogos entre os personagens da novela, foi observada a conexão lógica numa seqüência de informações sobre o mesmo assunto num determinado contexto, com o propósito de mostrar cadeias de inferências. O confronto entre a prática comunicacional dos personagens e os pressupostos básicos dos eixos lógico e cognitivo que fundamentam o modelo de S-W evidenciou a plausibilidade psicológica das inferências espontâneas potenciais<sup>2</sup> construídas a partir das situações dialógicas analisadas.

A idéia fundamental que sustenta a teoria, apoiada em estudos recentes da psicologia, está no próprio conceito de Relevância, de base cognitiva, numa perspectiva graduada e comparativa, que estabelece uma relação de equilíbrio entre o custo mental despendido e os efeitos contextuais alcançados ao ser processada uma informação. Tal conceito é construído a partir de uma propriedade básica da cognição: a de que normalmente prestamos atenção apenas aos fenômenos-estímulos que nos parecem relevantes, buscando a Relevância máxima de uma informação, ou seja, maiores efeitos com o menor esforço justificável. Essa característica, inerente à compreensão verbal (e não-verbal), é chamada por S-W (1995) de **princípio cognitivo**, ao qual integra-se o **princípio comunicativo da Relevância** (PR): «*Todo ato de comunicação ostensiva carrega consigo a presunção de sua Relevância ótima.*» (p.158). Em outras palavras, numa visão de comunicação genuína, voluntária e intencional, o estímulo ostensivo deve ser relevante o suficiente para atrair a atenção do ouvinte, focalizá-la na intenção do comunicador e revelar essa intenção, desencadeando um processo inferencial no destinatário. A garantia de que o estímulo ostensivo, ao requisitar a atenção do destinatário, é válido de ser processado, econômica e eficientemente, constitui a presunção de Relevância ótima e permite que falante e ouvinte participem de um modo dinâmico num ato comunicativo, alterando, em alguma medida, suas crenças e suposições factuais.

<sup>1</sup> Esse estudo é parte da tese de Doutorado *Teoria da Relevância: Uma Resposta Inferencial à Comunicação Verbal Humana*, apresentada pela autora na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, em 1997. A novela analisada é 'O Rei do Gado', de Benedito Ruy Barbosa, veiculada numa emissora brasileira de televisão no período de junho/1996 a fevereiro/1997.

<sup>2</sup> Embora as inferências interpersonagens analisadas estejam inseridas no contexto recortado da novela, as diversas diferenças e particularidades individuais que interferem na compreensão de enunciados podem levar a diferentes interpretações, motivo pelo qual, apesar de plausíveis psicologicamente, elas não são.

## 1. O MODELO OSTENSIVO-INFERENCIAL DE COMUNICAÇÃO PELA RELEVÂNCIA

A tese central da TR é a de que o PR, ponto básico para uma nova abordagem da comunicação humana, tem potencial para explicar como, entre tantas interpretações pragmáticas compatíveis com a decodificação lingüística de um enunciado, uma é selecionada no processo da compreensão. Para chegar à informação pretendida, é necessário selecionar um contexto capaz de equilibrar o melhor possível o esforço mental em relação ao efeito a ser obtido. Desse modo, a interpretação será consistente com o PR e esse critério garante a primeira e única interpretação de um enunciado.

Nessa teoria comunicacional, os autores, indo além dos modelos fundamentados no código e nos modelos inferenciais que seguem, em maior ou menor grau, a Teoria das Implicaturas de Grice (1975), os *inputs* codificados lingüisticamente servem de base para raciocínios inferenciais mais complexos. Na visão complementar de **código mais inferência** S-W definem o **contexto**<sup>3</sup> como um construto psicológico, num nível de representações mentais que se tornam disponíveis durante o processo interpretativo, para mostrar como se realiza o processamento da informação na compreensão verbal intencional. Nesse quadro teórico estão envolvidos, portanto, processos gramaticais e pragmáticos<sup>4</sup>, permitindo que o ouvinte, guiado pela busca da Relevância, chegue àquilo que o falante quis dizer.

Uma vez que a compreensão no processo comunicativo inferencial integra propriedades semânticas (no caso de *inputs* lingüísticos) ou sensorio-perceptuais representadas conceitualmente e propriedades do contexto, implica um raciocínio lógico para derivar conclusões. Nesse sentido, para S-W, nas **inferências** espontâneas realizadas na comunicação diária, caracterizadas como não-demonstrativas, sistemas globais de pensamento, com livre acesso à informação conceitualmente representada na memória, a **dedução** é um processo-chave. Constituindo processos cognitivos centrais que combinam informação advinda dos sistemas de *input* com informação armazenada na memória para derivar conclusões, através da formação e confirmação de hipóteses, seguem um cálculo lógico não-trivial, não pressupondo, portanto, a necessidade de premissas fixadas para derivar conclusões válidas. Tais conclusões não podem ser provadas, apenas confirmadas, através da força das premissas, originada de várias fontes: percepção, decodificação lingüística, suposições factuais e esquemas de suposições estocados na memória e dedução.

Desse modo, o **mecanismo dedutivo humano** apresentado por S-W<sup>5</sup> tem propriedades que o **aproximam** do rigor e da explicitude do **cálculo formal da lógica** e ao mesmo tempo o **dis-**

<sup>3</sup> O modo tradicional de entender o contexto – como informação mutuamente conhecida – em que a interpretação de enunciados é processada, é criticada por S-W (1982, 1986, 1995). Para os autores, essa hipótese de conhecimento mútuo (HCM), além de implicar uma troca de informações já conhecidas, impõe uma condição de certeza relativa às suposições contextuais envolvidas na compreensão. E como essa certeza, mesmo pressupondo uma série ilimitada de checagens (o que excederia a rapidez dos processos comunicacionais espontâneos), não pode ser garantida, a hipótese não se sustenta. Na TR, ela é substituída pela noção de manifestabilidade mútua, um conjunto de fatos e suposições que se torna mutuamente manifesto ao ambiente cognitivo dos interlocutores durante o processo comunicativo e não *a priori*. (Para uma visão detalhada das restrições à HCM, ver também Silveira, 1995, 1997).

<sup>4</sup> No texto 'Pragmática e Modularidade' (1991) os autores tratam dessa questão, justificando a sua abordagem teórica. Esse assunto é retomado em Wilson e Sperber, 1993 e em Sperber, 1994).

<sup>5</sup> O modo tradicional de entender o contexto – como informação mutuamente conhecida – em que a interpretação de enunciados é processada, é criticada por S-W (1982, 1986, 1995). Para os autores, essa hipótese de conhecimento mútuo (HCM), além de implicar uma troca de informações já conhecidas, impõe uma condição de certeza relativa às suposições contextuais envolvidas na compreensão. E como essa certeza, mesmo pressupondo uma série ilimitada de checagens (o que excederia a rapidez dos processos comunicacionais espontâneos), não pode ser garantida, a hipótese não se sustenta. Na TR, ela é substituída pela noção de manifestabilidade mútua, um conjunto de fatos e suposições que se torna mutuamente manifesto ao ambiente cognitivo dos interlocutores durante o processo comunicativo e não *a priori*. (Para uma visão detalhada das restrições à HCM, ver também Silveira, 1995, 1997).

**tanciam desta lógica** devido às suas limitações no tratamento de fenômenos em linguagem natural, sobretudo pela abstração de contexto e de conteúdo nas suas operações triviais. Entretanto, apesar dessas restrições, os autores destacam vantagens no emprego das regras dedutivas que equipam a mente humana: economia no armazenamento de suposições, que podem ser multiplicadas, se necessário, quando processadas, bem como precisão e validade das conclusões pela possibilidade de julgar a inconsistência de suposições que se contradizem e de monitorar redundâncias. Trata-se de um mecanismo computacional cujas regras (essencialmente de eliminação), ligadas a conceitos, restringem severamente as suas operações e evitam as reaplicações triviais porque, aplicadas a suposições e a crenças do indivíduo, interpretam e analisam o conteúdo das premissas. Em tais raciocínios, as suposições factuais são interpretadas no contexto específico em que se inscrevem, derivando conclusões válidas e alterando as crenças dos indivíduos, através de julgamentos intuitivos, qualitativos e comparativos. S-W, distinguindo, então, entre o mecanismo dedutivo humano e o mecanismo dedutivo formal, evitam uma posição reducionista, modelando a forma matemática da lógica através de uma variação da forma cognitiva nas inferências práticas.

## 2. AS INFERÊNCIAS NA TR E A SUA APLICAÇÃO À NOVELA

Passemos, agora, à análise de alguns exemplos retirados da novela-objeto desse estudo, para ilustrar a operacionalização dedutiva das inferências não-demonstrativas e o papel da força das suposições nesse empreendimento mental. Suponhamos um conjunto inicial de suposições (S), que constitui o contexto em que transcorre o diálogo (1) logo a seguir, as quais são acessíveis aos seus interlocutores:

- S1 – Geremias Berdinazi, dono de uma imensa fortuna, solicitara a Fausto, seu advogado, que contratasse o serviço de investigadores para descobrir o paradeiro de Giácomo Guilherme, o único irmão vivo, e de sua família, dos quais há muitos anos não tinha notícias.
- S2 – Os relatórios das investigações revelam que Giácomo e sua família haviam morrido num acidente de caminhão, com exceção de uma menina que na época devia ter uns 12 anos.
- S3 – A menina, com amnésia total em decorrência do acidente, fora tratada num hospital, e depois não se soube mais nada dela.
- S4 – Havia chegado, uma moça, na casa de Geremias, chamada Marieta (mesmo nome da mãe dos Berdinazi), afirmando ser a menina referida nos relatórios.
- S5 – Olegário, o funcionário mais fiel de Geremias, recusa-se a acreditar na história da moça.

Com esse conjunto de suposições contextuais disponíveis aos personagens, numa ocasião em que estavam reunidos, Olegário, dirigindo-se à Marieta, inicia a conversação:

### DIÁLOGO (1)

*Olegário: Você é mesmo a menina do caminhão?*

*Marieta: Sou.*

*Fausto: Como é que a gente pode ter certeza disso?*

*Geremias: Pare de fazer perguntas. Ela me mostrou a certidão de nascimento. É a minha sobrinha.*

A partir da **decodificação lingüística** da pergunta de Olegário, Marieta,<sup>6</sup> a fim de respondê-la, precisa recuperar da **memória enciclopédica** a informação sobre a menina do caminhão a que ele se refere. Isso poderia ser feito, considerando o contexto dado em (S1-S5), através de um raciocínio inferencial simplificado como:

- M1 – Se Olegário sabe que nos relatórios de investigação consta que toda a família de Giácomo morreu num acidente de caminhão, exceto uma menina, então Olegário está se referindo a essa menina (suposição construída a partir de S1 e S2)
- M2 – Se eu afirmo ser essa menina, então Olegário está perguntando se sou mesmo eu a menina que escapou com vida daquele acidente de caminhão (suposição construída de S3, S4, S5 e M1).
- M3 – Olegário está perguntando se sou eu **mesmo** a menina que escapou com vida do acidente de caminhão (suposição construída de M1 e M2)

Desse modo, a sua resposta evidencia que nas inferências espontâneas há livre acesso a informações representadas conceitualmente na memória, que não constituem premissas locais, mas que são construídas **durante** o processo interpretativo para não se perder a Relevância da informação. Assim sendo, e ressaltando-se o papel do contexto como um fato objetivo no enriquecimento inferencial do enunciado, as suposições contextuais (S1-S5) transformaram-se em premissas que, somadas ao *input* lingüístico dado por Olegário, no diálogo, derivaram (M3) num cálculo não-trivial. A resposta de Marieta demonstra também que, em seu raciocínio, os processos inferenciais centrais integram informação dos sistemas de *input* com informação armazenada na memória para derivar conclusões. Além disso, através do enunciado de Olegário, inferencialmente ampliado, resultando em (M3), Marieta pode concluir que ele está duvidando da informação (S4), sobretudo através da palavra ‘mesmo’, *input* lingüístico e paralingüístico, pela **percepção** da entonação na voz:

- M4 – Se Olegário está perguntando se eu sou **mesmo** a menina que se salvou do acidente, então não está acreditando em mim.

Esta desconfiança é reforçada pela pergunta de Fausto, no mesmo diálogo, à qual Geremias responde com convicção, provavelmente como uma derivação do raciocínio:

- G1 – Se alguém comprova a sua identidade com documentos, então deve ser realmente essa pessoa.
- G2 – Se Marieta me mostrou, além de outros documentos, a sua certidão de nascimento, cujo declarante foi meu próprio irmão, então ela deve ser a minha sobrinha verdadeira.
- G3 – Se Fausto e Olegário olharem tais documentos, acreditarão no que Marieta diz.
- G4 – Fausto e Olegário precisam ver esses documentos para acreditar que Marieta é minha sobrinha. (Conclusão por dedução, supondo as premissas G1, G2 e G3).

O está cálculo inferencial dedutivo de Geremias, com as premissas G1 e G2 recuperadas da memória, de acordo com o que foi afirmado: as conclusões de inferências não-demonstrativas são confirmadas pela força das suposições, originada de várias fontes; entre elas, o ***input per-***

<sup>6</sup> As prováveis suposições construídas pelos personagens são registradas com a inicial em negrito do nome dos participantes do diálogo.

**ceptual** advindo da visão (**ver** algo) é mais forte do **ouvir** algo (pela **decodificação lingüística**). Assim, em seu raciocínio não-demonstrativo e não-trivial, em que a conclusão (G4) herda a força das premissas, Fausto e Olegário, que só ouviram falar da existência dos documentos, agora querem vê-los. Entretanto, na continuação do diálogo:

*Fausto: O patrão me desculpe, mas eu gostaria de checar essa tal certidão.*

*Marieta: Mas por que o Sr. está falando isso?*

*Fausto: Porque uma certidão de nascimento não é uma coisa difícil de se fajutar ... até mesmo uma carteira de identidade ou mesmo um passaporte.*

Quando Fausto diz que quer “*checar*” o documento, mostra o real significado dessa palavra para ele: não se refere apenas a ‘ver’, mas a verificar a sua autenticidade. Isso também confirma o argumento de S-W de que o ouvinte usa suas crenças, **suposições factuais** e **esquemas de suposições** na interpretação de informações. Como advogado, a sua experiência de mundo leva-o a querer saber se o documento é legal, enquanto que para Geremias, envolvido emocionalmente, o que Fausto diz parece contraditório à sua crença de que a moça é a sobrinha que procurava, já que ele viu os documentos.

Na análise desenvolvida, então, sempre pressupondo a noção cognitiva de Relevância, é possível observar que, nas inferências espontâneas, apenas confirmadas através de outras suposições factuais, a verdade das mesmas é determinada pela sua força, que pode aumentar ou diminuir de acordo com o modo pelo qual são adquiridas ou pelas evidências tornadas disponíveis via comportamento ostensivo-intencional do comunicador. Verificamos, também, que a construção das premissas – não fixadas previamente – implica interpretar o conteúdo das suposições no contexto, e que o resultado de um processo inferencial pode constituir-se em nova premissa para uma nova conclusão. Trata-se, assim, de um cálculo não-demonstrativo e não-trivial, segundo os parâmetros da lógica formal.

As **implicações não-triviais** derivadas do mecanismo dedutivo nessa abordagem computacional da comunicação são chamadas de **efeitos contextuais**, alcançados quando uma **informação nova** (derivada de sistemas de *input*) é **processada no contexto das informações velhas**, armazenadas na memória do ouvinte, resultando numa suposição **relevante** se alterar as suas crenças anteriores. Há três tipos de efeitos contextuais que alteram o conhecimento de mundo dos indivíduos: implicação contextual, derivando uma nova suposição, fortalecimento, que amplia ou fortalece uma suposição factual existente, e contradição, que elimina a mais fraca entre duas suposições contraditórias.

Para exemplificar tais efeitos, analisemos outro diálogo extraído da novela, contextualizando-o em um novo conjunto de suposições:

- S1 – Olegário é assassinado inesperadamente, após receber um novo relatório dos investigadores.
- S2 – Geremias descobre o envolvimento de Marieta e Fausto, que já se conheciam quando ela chegou em sua casa, dizendo ser a sua sobrinha.
- S3 – Fausto também é assassinado, misteriosamente.
- S4 – Valdir, o delegado da região, que estava investigando o assassinato de Olegário, passa a investigar também o de Fausto, e sua principal suspeita é a moça que diz ser Marieta.
- S5 – Geremias toma conhecimento, através do delegado, do último relatório dos investigadores contratados, que Olegário havia recebido antes de morrer, no qual consta que o nome da menina que se salvou do acidente do caminhão é Luana.

O delegado sugere ostensivamente, valendo-se do relatório que entrega a Geremias, que os dois assassinatos poderiam estar relacionados com a última informação em S5:

### DIÁLOGO (2)

*Valdir: Eu estou dizendo que essa moça que se faz passar por sua sobrinha [...] pode ser uma impostora, como já desconfiava o seu amigo Olegário.*

*Geremias: Está bem, vamos pensar nisso.*

*Valdir: É bom pensar seriamente. Ou muito me engano, ou o senhor está correndo risco de vida.*

Geremias, a partir desse diálogo, e recuperando informações já existentes sobre os relatórios anteriores e sobre a morte de Olegário, ao olhar para o relatório que tem em suas mãos, constrói novas hipóteses interpretativas:

G1 – Se Olegário recebeu esse relatório antes de morrer, então deve ter sido assassinado porque Fausto, que pretendia casar com Marieta e herdar indiretamente a minha fortuna, tomou conhecimento dele.

G2 – Se existe uma Marieta que afirma ser a menina que se salvou do acidente de caminhão e se nesse relatório consta que o nome da tal menina é Luana, então há algo errado nessa história.

G3 – Isso pode significar que Marieta não seja a minha sobrinha, apenas uma impostora atrás do meu dinheiro.

A construção de tais hipóteses pode ser explicada como segue: (i) uma **informação nova** – *O nome da menina que se salvou do caminhão é Luana*, (ii) **processada** no conjunto de suposições que constituem o **contexto de informações velhas** de Geremias, advindas de (S1-S5) do diálogo (1) e de (S1-S5) do diálogo (2), (iii) leva à **implicação contextual** : *Marieta talvez não seja mesmo a minha sobrinha, apenas uma impostora atrás do meu dinheiro*.

Entretanto, embora a ostensão do delegado desperte a atenção de Geremias, levando-o a formar novas hipóteses interpretativas, considerando-se as suposições (G1) e (G2) construídas a partir do diálogo (2), que derivaram a implicação contextual (G3), não há maiores evidências disponíveis naquele momento para esclarecer a contradição em (G2), e a dúvida de Geremias permanece. Através de novas informações fornecidas por seu sobrinho Bruno Mezenga e o filho Marcos (apesar de a relação entre as duas famílias ser marcada pelo ódio), ele fortalece a sua desconfiança de que Marieta não é sua sobrinha, conforme é demonstrado no próximo diálogo ser analisado, inserido no contexto da novela:

### DIÁLOGO (3)

*Marcos: Nós encontramos uma outra Marieta Berdinazi.*

*Bruno: Contando a mesma história. [...] Ela se apresenta apenas como Luana.*

*Geremias: Luana? (Demonstrando surpresa)*

*Bruno: É, apenas como Luana. Ela não tinha lembrança de nada de sua vida passada, a não ser daquele acidente ...*

*Marcos: Ela sofriria de uma amnésia profunda por causa daquele acidente.*

Diante de tais informações, que coincidem (aumentando a sua força) com aquelas do último relatório, Geremias, recuperando-as da sua memória enciclopédica, diz:

*Geremias: É, mas o relatório falava mesmo disso. De uma menina que foi internada numa Santa Casa.*

*Bruno: É ela mesmo, tio Geremias.*

Percebemos, assim, um **fortalecimento** da dúvida de Geremias, contextualizada em S1-S5 do diálogo (2), sobre o fato de que a moça que está em sua casa pode não ser a sua sobrinha. E é evidenciada a alteração da sua crença sobre a identidade da até então Marieta Berdinazi, quando ele afirma, no decorrer do diálogo: *'Eu vou anular o meu testamento'*, no qual ela era a sua única herdeira. O contexto da novela é ampliado, e Marieta, mais uma vez, consegue reverter o jogo, convencendo o tio de que os Mezenga (nesse caso seriam os únicos parentes vivos para herdar a fortuna de Berdinazi) só têm interesse no dinheiro dele, pois tudo o que haviam falado fora ela quem contara a Marcos, por quem se apaixonara, indo contra a vontade (e proibição) do tio. Mas a certeza da mentira de Marieta vem de uma conversa desta com a empregada Judite sobre Marcos, cujo final foi ouvido por Geremias:

#### DIÁLOGO (4)

*Marieta: A coisa que eu mais queria agora era estar junto de Marcos. Era a única coisa que eu queria [...]*

*Geremias: Eu ouvi o que você falou, Marieta, e não gostei.[...] não posso admitir isso [...] Compreendeu?*

*Marieta: Não, não compreendi, tio Geremias Berdinazi. Eu amo Marcos Mezenga [...]Eu não vou admitir que o Sr. dê ordens na minha vida, por mais dinheiro que o Sr. tenha. Porque eu não vim aqui atrás disso.*

*Geremias: Eu mando você embora dessa casa, Marieta Berdinazi.*

*Marieta: Eu não me chamo Marieta Berdinazi[...] Eu não sou filha do seu irmão Giacomo Guilherme [...].*

Essa informação é um golpe para Geremias, e permite verificar o terceiro tipo de efeito contextual apresentado por S-W – o das **contradições**, ou seja, entre duas **suposições contraditórias**, a mais fraca é eliminada. Assim, a partir das premissas:

- G1 – Marieta sempre afirmou ser filha do meu irmão e tem documentos que comprovam sua identidade.
- G2 – A própria Marieta nega que é filha de Giacomo Guilherme Berdinazi, Geremias, diante das duas suposições, elimina a primeira, provavelmente inferindo que, se ela própria confessa não ser Marieta Berdinazi, depois de ter feito de tudo para convencê-lo de que era a filha de Giacomo, e se, negando ser a sua sobrinha, deixa de ser a herdeira universal de uma fortuna imensa, então a força da suposição (G2) é maior. E a crença de Geremias é alterada, levando-o a concluir que foi realmente enganado pela falsa Marieta:
- G3 – Marieta sempre mentiu sobre a sua identidade, pois estava interessada só no meu dinheiro.

Cabe ainda ressaltar que, se é possível caracterizar a **Relevância**, em termos comunicacionais, como uma relação equilibrada de **eficiência e economia** entre maximizar efeitos e minimizar o gasto de energia mental para alcançá-los, o esforço de processamento está diretamente relacionado à acessibilidade das suposições e do contexto. Nesse sentido, as cadeias inferen-

ciais vão sendo construídas e confirmadas à medida que as informações pretendidas e as evidências se tornam mais acessíveis. Assim, várias suposições provenientes de fontes diversas foram necessárias até chegar à conclusão G3, no diálogo (4), exigindo mais esforço de processamento para a sua construção. Entretanto, esse esforço mental extra não foi excessivo ou infundado, sendo plenamente justificado pelos efeitos alcançados que alteraram, fortaleceram e eliminaram crenças de Geremias. São, portanto, de informações com alto grau de Relevância, das quais destacamos, especialmente, o fato de ele descobrir a verdade a respeito de Marieta, o que o levou a anular seu testamento, eliminando, assim, o risco iminente de ser assassinado por causa do mesmo.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A breve aplicação da TR às inferências possíveis de serem construídas a partir dos diálogos da novela parece evidenciar a adequação e **validade dos mecanismos inferenciais** humanos propostos por S-W para tratar do processamento da informação na comunicação espontânea e **intencional**, que simula a complexidade deste fenômeno na vida diária. As noções de **contexto**, sob o ponto de vista **psicológico**, de efeitos cognitivos e de esforço de processamento contribuem decisivamente para explicar a compreensão e alteração de conhecimentos do indivíduo, a partir de estímulos linguísticos ou sensorio-perceptuais.

Neste modelo inferencial, entre as várias fontes de força das suposições factuais, S-W voltam-se particularmente para a **dedução** como um ponto crucial em **inferências não-demonstrativas e não-triviais**, em que regras lógicas estão envolvidas na formação das hipóteses interpretativas, confirmadas por operações não-lógicas, através da força das suposições. Isso evidencia a posição **não-reducionista** e conciliatória dos autores, no sentido de valerem-se dos benefícios e desconsiderarem as impropriedades, tanto no que se refere à integração de sistemas **formais** – precisos e explícitos – com os sistemas **cognitivos** da psicologia humana para tratar de raciocínios espontâneos, em grande parte automáticos e inconscientes, quanto no que diz respeito à visão complementar de **código e inferência**, focalizando o primeiro como um *input* muitas vezes necessário para desencadear os processos inferenciais indissociáveis do fenômeno genuinamente comunicativo.

Em tais processos, o PR, inato à cognição humana, governa o comportamento ostensivo e intencional do comunicador, possibilitando a compreensão do ouvinte, ao operar na seleção das suposições e do contexto para a interpretação, através da presunção de Relevância ótima e do critério pragmático de consistência com o PR, o qual implica a relação custo-benefício nas suposições processadas, compatível com as inferências práticas.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Silveira, J. R. C. 1995. Restrições à hipótese do conhecimento mútuo no processo comunicativo. *Revista FAMECOS*, n.3, 21-33.
- Silveira J. R. C. e Feltes, H.P. 1997. *Pragmática e Cognição: A Textualidade pela Relevância*. Porto Alegre, EDIPUCRS.
- Sperber, D. E Wilson, D. 1982. Mutual Knowledge and Relevance in Theories of Comprehension. In N. Smith, V. ed. *Mutual Knowledge*. New York, Academic Press.
- Sperber, D.; Wilson, D. 1995. *Relevance: Communication and Cognition*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press.

- Sperber, D. 1994. The modularity of thought and the epidemiology of representations. In Hirschfeld and Gelman, 39-67.
- Wilson, D.; Sperber, D. 1986. Inference and Implicature. In Travis ed. *Meaning and Interpretation*. Oxford, Basil Blackwell.
- Wilson, D.; Sperber, D. 1988. Representation and Relevance. In Kempson, R. ed. *Mental Representations*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Wilson, D.; Sperber, D. 1991. Pragmatics and Modularity. In Davis ed. *Pragmatics – A Reader*. New York, Oxford University Press.
- Wilson, D. E Sperber, D. 1993. Linguistic Form and Relevance. *Lingua*. n. 90, 1-25.